

## O intrigante caso de Emilie Sagée <sup>(1)</sup>

Como visto, o caso da professora francesa Emilie Sagée <sup>(1)</sup> <sup>(2)</sup> foi um dos mencionados por Allan Kardec no artigo “Dos homens duplos e das aparições de pessoas vivas”, publicado em **Obras Póstumas**, no qual fala da obra do professor Maximiliano Perty intitulada *Os Fenômenos Místicos da Vida Humana*, publicada em 1861.

Retornaremos a algo que dissemos sobre ela, acrescentando-lhe outras considerações do Codificador:



a) No início do capítulo, no parágrafo que citará a obra de Maximiliano Perty, lemos:

É fato hoje comprovado e perfeitamente explicado que o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, pode, com auxílio do seu envoltório fluído-perispirítico, aparecer em lugar diferente do em que está o corpo material. **Até ao presente, porém, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. Se são exatos, os fatos seguintes provam que ela igualmente se produz no estado de vigília.** [...]. <sup>(3)</sup> (grifo nosso)

b) Após citar os casos da obra de Maximiliano Perty:

A obra do Sr. Perty contém grande número de fatos deste gênero. É de notar-se que, **em todos os casos citados, o princípio inteligente se mostra do mesmo modo ativo nos dois indivíduos** e, até, mais ativo no ser material, **quando o contrário é que deveria dar-se.** [...]. <sup>(4)</sup> (grifo nosso)

É oportuno relembrar que Allan Kardec não aceitou cegamente nos relatos do livro de Maximiliano Perty. Como vimos, em sua análise criteriosa,

---

1 Capítulo 7 do ebook *Manifestação de Espírito de Pessoa Viva (Em que condições elas ocorrem)*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook>

ele chegou a afirmar: “*Até prova em contrário, duvidamos de que o fato seja possível, **desde que o corpo se ache em atividade inteligente***” (5).

Acreditamos ser necessário destacar, logo de início, dois pontos importantes relacionados à manifestação de uma pessoa viva, embora já os tenhamos mencionado:

1º) “**O Espírito é indivisível**” (6). Portanto, não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo, no caso, ligado ao corpo e, simultaneamente, manifestando-se fora dele;

2º) “**Sendo o pensamento atributo essencial do Espírito, tem este que se achar onde se ache o seu pensamento**” (7); assim, se uma manifestação exterior ao corpo físico revelar pensamento próprio, conseqüentemente, o Espírito deverá estar onde esse pensamento se manifesta.

Se o duplo realmente tivesse vontade própria e atividade inteligente enquanto Emilie Sagée permanecia ativa no corpo físico, como conciliar isso com esses princípios?

No episódio envolvendo Emilie Sagée, se tudo o que foi narrado for verdadeiro, há situações em que, conforme observou Robert Dale Owen (1801-1877) (8), o duplo “*pareceria agir de forma totalmente independente*”, como veremos mais adiante.

Passaremos agora aos dois autores mencionados – Alexandre Aksakof e Robert Dale Owen – para conhecermos suas abordagens do caso, que contribuirão para a compreensão do fenômeno à luz do Espiritismo.

Transcrevemos o seguinte relato da obra **Animismo e Espiritismo - Vol. II** (1890), na qual **Alexandre Aksakof** menciona esse caso e indica como fonte *Footfalls on the boundary of another World*:

**Centenas de fatos novos recolhidos de primeira mão pela Sociedade** [Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres] **e verificados por ela com todo o cuidado possível provam de maneira incontestável que existe uma relação íntima entre a aparição do duplo e a pessoa viva que ele representa**; desde então, se é uma alucinação, é, segundo a expressão dos autores da obra, uma alucinação

verídica, isto é, o efeito de uma ação psíquica, emanante de uma pessoa que está longe da que vê a aparição. [...].

O fato mais precioso e mais instrutivo desse gênero é, certamente, o do **desdobramento habitual de Emilie Sagée** <sup>(9)</sup>, que **foi observado durante meses por um colégio inteiro**, e que se produzia ainda quando a própria Emilie era visível para todos.

**Somos devedores deste fato a Robert Dale Owen, que o recebera de primeira mão da Baronesa Júlia de Güldenstubbe**, e deu dele, em seu *Footfalls on the Boundary of Another World* (*Passos na Fronteira de Outro Mundo*), **uma breve narração que Perty mencionou em sua brochura Realidade das Forças Mágicas** (pág. 367); todavia, **mais tarde, informações mais circunstanciadas, fornecidas pela própria Baronesa Güldenstubbe foram publicadas em Light de 1883**, página 366, e como o caso é extremamente notável e pouco conhecido, cito-o na íntegra.

#### **“Aparição do duplo da jovem Emilie Sagée**

“Em 1845 existia na Livônia (e ainda existe), cerca de 36 milhas inglesas de Riga e a 1 légua e meia da pequena cidade de Volmar, uma instituição para moças nobres, designada sob o nome de ‘Colégio de Neuwelcke’. O diretor naquela época era o Sr. Buch.

“O número das colegiais, quase todas de famílias livonesas nobres, elevava-se a quarenta e duas; entre elas se achava a **segunda filha do Barão de Güldenstubbe**, da idade de treze anos.

“No número das professoras havia uma francesa, a jovem Emilie Sagée, nascida em Dijon. Tinha o tipo do Norte; era loura, de belíssima aparência, de olhos azuis-claros, cabelos castanhos; era esbelta e de estatura pouco acima da mediana; tinha gênio amável, dócil e alegre, porém um pouco tímida e de temperamento nervoso, um pouco excitável. Sua saúde era ordinariamente boa e **durante o tempo (um ano e meio) em que esteve em Neuwelcke** não teve mais do que uma ou duas indisposições passageiras. Era inteligente e de esmerada educação, e **os diretores mostraram-se completamente satisfeitos com o seu ensino e com as suas aptidões durante todo o tempo de sua permanência**. Ela estava com a idade de trinta e dois anos.

“Poucas semanas depois de sua entrada na casa, singulares boatos começaram a correr a seu respeito entre as alunas. **Quando uma dizia tê-la visto em tal parte do estabelecimento, frequentemente outra assegurava tê-la encontrado em outra parte, na mesma ocasião**, dizendo: ‘Isso não; não é possível, pois acabo de passar por ela na escada’, ou antes, garantia tê-la visto em algum corredor afastado. Acreditou-se a princípio em algum equívoco; mas como **o fato não cessava de reproduzir-se**, as meninas começaram a julgá-lo muito estranho e finalmente falaram sobre ele às outras professoras. Os professores, postos ao corrente, declararam, por ignorância ou intencionalmente, que tudo isso não tinha senso algum e que não havia motivo para dar-lhe qualquer importância.

“Mas as coisas não tardaram a complicar-se e tomaram um caráter que excluía toda a possibilidade de fantasia ou de erro. **Certo dia em que Emilie Sagée dava uma lição a treze dessas meninas**, entre as quais a jovem Gùldenstubbe e que, para melhor fazer compreender a sua demonstração, **escrevia a passagem a explicar no quadro-negro, as alunas viram de repente, com grande terror, duas jovens Sagée, uma ao lado da outra!** Elas se assemelhavam exatamente e **faziam os mesmos gestos**. Somente **a pessoa verdadeira tinha um pedaço de giz na mão e escrevia efetivamente**, ao passo que **seu duplo não o tinha e contentava-se em imitar os movimentos que ela fazia para escrever**.

“Daí, grande sensação no estabelecimento, tanto mais porque as meninas, sem exceção, tinham visto a segunda forma e estavam de perfeito acordo na descrição que faziam do fenômeno.

“Pouco depois, uma das alunas, a menina Antonieta de Wrangel obteve permissão de ir, com algumas colegas, a uma festa local da vizinhança. Estava ocupada em terminar sua toalete, e a jovem Sagée, com a bonomia e obsequiosidade habituais, tinha ido ajudá-la e abotoava seu vestido por trás. Ao voltar-se casualmente, **a menina viu no espelho duas Emilies Sagée que se ocupavam consigo**. Ficou tão aterrada com essa brusca aparição, que perdeu os sentidos.

“**Passaram-se meses e fenômenos semelhantes continuaram a produzir-se**. Via-se de tempos em tempos, ao jantar, **o duplo da professora de pé, por trás de sua cadeira, imitando seus movimentos, enquanto ela jantava**, porém sem faca, garfo ou comida nas mãos. Alunas e criadas de servir à mesa testemunharam o fato da mesma maneira.

“**Entretanto, nem sempre sucedia que o duplo imitasse os movimentos da pessoa verdadeira. Às vezes, quando esta se levantava da cadeira, via-se seu duplo ficar sentado ali**. Em certa ocasião, estando de cama por causa de um defluxo, a menina de quem se tratou, a menina de Wrangel, que lhe fazia uma leitura para distraí-la, **viu-a empalidecer de repente e contorcer-se como se fosse perder os sentidos**; em seguida, a menina, atemorizada, perguntou-lhe se se sentia pior. Ela respondeu que não, mas com voz muito fraca e desfalecida. A menina de Wrangel, voltando-se casualmente alguns instantes depois, **divisou mui distintamente o duplo da doente passeando a passos largos no aposento**. Desta vez a menina tinha tido bastante domínio sobre si mesma para conservar-se calma e não fazer a mínima observação à doente, mas pouco depois desceu a escada, muito pálida, e contou o fato de que tinha sido testemunha.

“**O caso mais notável**, porém, dessa atividade, na aparência independente, das duas formas é certamente o seguinte:

“**Certo dia todas as alunas, em número de quarenta e duas**, estavam reunidas em um mesmo aposento e ocupadas em trabalhos de bordado. Era um salão do andar térreo do edifício principal, com quatro grandes janelas, ou antes, quatro portas envidraçadas que se abriam

diretamente para o patamar da escada e conduziam ao jardim muito extenso pertencente ao estabelecimento. No centro da sala havia uma grande mesa diante da qual se reuniam habitualmente as diversas classes para se entregarem a trabalhos de agulha ou outros análogos.

“Naquele dia as jovens colegiais estavam todas sentadas diante da mesa e **podiam ver perfeitamente o que se passava no jardim; ao mesmo tempo em que trabalhavam, viam a jovem Sagée, ocupada em colher flores, nas proximidades da casa;** era uma das suas distrações prediletas. **No extremo da mesa, em posição elevada, conservava-se uma outra professora, incumbida da vigilância e sentada numa poltrona de marroquim verde.** Em dado momento, essa senhora desapareceu e a poltrona ficou desocupada. Mas foi apenas por pouco tempo, pois que **as meninas viram ali de repente a forma da jovem Sagée. Imediatamente elas dirigiram a vista para o jardim e viram-na sempre ocupada em colher flores; apenas seus movimentos eram mais lentos e pesados, semelhantes aos de uma pessoa sonolenta ou exausta de fadiga.** De novo dirigiram os olhos para a poltrona em que **o duplo estava sentado, silencioso e imóvel,** mas com tal aparência de realidade que, se não tivessem visto a jovem Sagée e não soubessem que ela tinha aparecido na poltrona sem ter entrado na sala, acreditariam que era ela em pessoa. Convictas, no entanto, de que não se tratava de uma pessoa real, e pouco habituadas com essas manifestações extraordinárias, duas das mais ousadas alunas se aproximaram da poltrona e, tocando na aparição, acreditaram sentir uma certa resistência, comparável à que teria oferecido um leve tecido de musselina ou de crepe. Uma delas chegou mesmo a passar defronte da poltrona e a atravessar na realidade uma parte da forma. Apesar disso, esta durou ainda por certo tempo; **depois desfez-se gradualmente. Imediatamente notou-se que a jovem Sagée tinha recomeçado a colheita de suas flores com a vivacidade habitual.** As quarenta e duas colegiais verificaram o fenômeno da mesma maneira.

“Algumas dentre elas perguntaram em seguida à jovem Sagée se, naquela ocasião, ela tinha experimentado alguma coisa de particular; **esta respondeu que apenas se recordava de ter pensado, diante da poltrona desocupada:** ‘Eu preferiria que a professora não se tivesse ido embora; certamente, essas meninas vão perder o tempo e cometer alguma travessura.’

“**Esses curiosos fenômenos duraram, com diversas variantes, cerca de dezoito meses,** isto é, por todo o tempo em que a jovem Sagée conservou seu emprego em Neuwelcke (durante uma parte dos anos 1845-1846); entretanto, houve intervalos de calma de uma a muitas semanas. **Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus serviços. Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do**

**ocorrido quando lho diziam**; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; **nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo e, do mesmo modo, parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.**

“Durante os dezoito meses em que a Baronesa Júlia de Güldenstübbe teve a oportunidade de ser testemunha desses fenômenos e de ouvir falar a tal respeito, **nunca se apresentou o caso da aparição do duplo a grande distância; por exemplo: a muitas léguas da pessoa corpórea**; algumas vezes, entretanto, **o duplo aparecia durante seus passeios na vizinhança, quando a distância não era muito grande. As mais das vezes, era no interior do estabelecimento.** Todo o pessoal da casa o tinha visto. O duplo parecia ser visível para todas as pessoas, sem distinção de idade nem de sexo.

“Pode-se facilmente imaginar que **um fenômeno tão extraordinário não pudesse apresentar-se com essa insistência durante mais de um ano em uma instituição desse gênero, sem lhe dar prejuízo.** Desde que ficou bem estabelecido que a aparição do duplo da jovem Sagée, verificada a princípio na classe que ela dirigia, depois em toda a escola, não era um simples fato de imaginação, a coisa chegou aos ouvidos dos pais. Algumas das mais tímidas dentre as colegiais testemunhavam uma viva excitação e desfaziam-se em recriminações todas as vezes que o acaso as tornava testemunhas de uma coisa tão estranha e tão inexplicável. Naturalmente, os pais começaram a experimentar escrúpulo em deixar suas filhas por mais tempo sob semelhante influência, e muitas alunas, que tinham saído em férias, não mais voltaram. No fim de dezoito meses, havia apenas doze alunas das quarenta e duas que eram. Por maior que fosse a repugnância que tivessem com isso, **foi preciso que os diretores sacrificassem Emilie Sagée.**

“**Ao ser despedida, a jovem, desesperada, exclamou,** em presença da jovem Júlia de Güldenstübbe: ‘Oh, **já pela décima nona vez; é duro, muito duro de suportar!**’

“Quando lhe perguntaram o que queria dizer com isso, ela respondeu que por toda parte por onde tinha passado – e **desde o começo de sua carreira de professora, na idade de dezesseis anos, tinha estado em dezoito casas antes de ir a Neuwelcke -, os mesmos fenômenos se tinham produzido,** motivando sua destituição. Como os diretores desses estabelecimentos estavam satisfeitos com ela em todos os outros pontos de vista, davam-lhe, de cada vez, excelentes certificados. **Em razão dessas circunstâncias, ela se via na necessidade de procurar de cada vez uma nova colocação em lugar tão distanciado do precedente quanto possível.**

“Depois de ter deixado Neuwelcke, retirou-se durante algum tempo para perto dali, para **a companhia de uma cunhada que tinha muitos filhos ainda pequenos.** A jovem de Güldenstübbe foi visitá-la ali e **soube que esses meninos, de idade de três a quatro anos,**

**conheciam as particularidades de seu desdobramento; eles tinham o hábito de dizer que viam duas tias Emilie.**

“Mais tarde, se dirigiu ao interior da Rússia, e a jovem de Güldenstubbe não mais ouviu falar a seu respeito.

“Eu soube de todos esses pormenores por intermédio da própria jovem de Güldenstubbe, que espontaneamente me dá autorização de publicá-los com a indicação de nomes, de lugar e de data; ela se conservou no pensionato de Neuwelcke durante todo o tempo em que a jovem Sagée lecionou ali; por conseguinte, ninguém teria podido dar um relatório tão exato dos fatos, com todos os seus pormenores.” <sup>(10)</sup> (grifo do título é do original, o restante é nosso)

Embora o relato de Alexandre Aksakof apresente detalhes impressionantes sobre o fenômeno, há algumas questões relacionadas à documentação do caso que merecem atenção. Serão examinadas mais adiante.

Antes disso, destacaremos alguns trechos da narrativa que serão importantes para a análise e servirão de base às hipóteses que formularemos para explicar a ocorrência:

1º) Um dia, todas as 42 alunas, reunidas numa sala, viram a forma da Srta. Sagée, imediatamente, voltaram seus olhares para o jardim e a viram ainda ocupada colhendo flores;

2º) Certa vez, estando de cama por conta de um forte resfriado, uma jovem que a assistia viu muito distintamente o duplo da enferma andando de um lado para o outro no quarto;

3º) A ocorrência foi *“a causa da sucessiva perda de todos os seus empregos”*, 19 vezes, incluindo-se o último;

4º) Nunca ocorreu que a aparição do duplo se desse a grande distância; na maioria das vezes, ela acontecia no interior do estabelecimento;

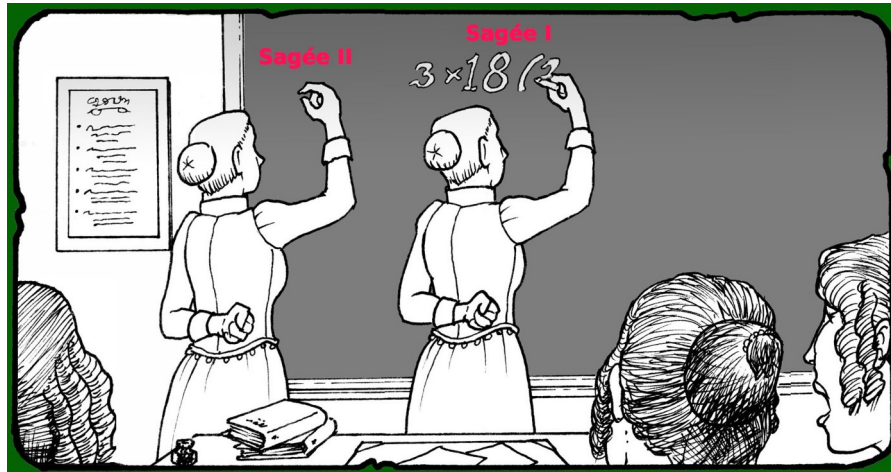
5º) Todo o pessoal da casa a havia visto;

6º) Os pais começaram a ter escrúpulos em deixar suas filhas sob tal influência, e muitas das alunas não retornaram das férias;

7º) Por mais relutantes que fossem os diretores tiveram que sacrificar Emilie Sagée;

8º) Desde que começou sua carreira de professora aos dezesseis anos, estivera em dezoito estabelecimentos, os mesmos fenômenos haviam ocorrido e causado a sua demissão.

No site [Anormalies](#), temos este desenho representando uma das ocorrências com a profª. Emilie Sagée (<sup>11</sup>):



Essa notável criação artística bem representa um trecho da narrativa da obra de Alexandre Aksakof, exatamente o quinto parágrafo, onde ele diz que certo dia Emilie Sagée dava uma lição a treze meninas e ao escrever no quadro-negro apareceram a elas duas jovens Sagée, no desenho Sagée I, a pessoa viva, e Sagée II, o seu duplo, que se assemelhavam e tinham os gestos sincronizados.

Vejamos este artigo da jornalista Pamela Malva, publicado no site [AH Aventuras na História](#), na data de 21 de dezembro de 2019, que apresenta um resumo do acontecido com Emilie Sagée da seguinte forma:

### **O mito de Emilie Sagée, a professora que esteve em dois lugares ao mesmo tempo**

O acontecimento, por mais que assustador, poderia ter duas explicações: o fenômeno da bilocação, ou a teoria dos *Doppelgängers* (<sup>12</sup>)



Doppelgänger 1, pintura de Sebastian Bieniek – Wikimedia Commons

Enquanto a professora escrevia no quadro negro o que seria estudado no dia, as alunas do Pensionato von Neuwelcke para meninas prestavam atenção em todos os seus movimentos. Emilie Sagée, de 32 anos, riscava a superfície da lousa com sua letra cursiva e um giz branco. De repente, as 13 alunas presentes na sala de aula perceberam algo bizarro. Outra pessoa surgiu ao lado da senhorita Sagée – uma mulher idêntica a ela, imitando todos os seus movimentos, mas sem qualquer giz em mãos.

Imediatamente, as meninas ficaram assustadas e chamaram a atenção de Emilie – ao se virar, a jovem professora não viu nada. Em outra ocasião, as meninas identificaram a mesma pessoa, igual à professora de francês, parada na frente da sala de aula, enquanto a Sagée de carne e osso andava nos jardins da escola na Letônia.

O caso, ocorrido em 1845, parece estranho para aqueles que nunca ouviram falar em *Doppelgänger* ou no fenômeno da bilocação. Mas, de acordo com essas duas teorias, o que aconteceu com a professora, na verdade, tem uma explicação.

#### Gêmeo mau

Proveniente do alemão, a palavra *Doppelgänger* (“doppel”, duplo e “gänger”, que anda), se refere ao fantasma de uma pessoa viva e está diretamente associada à teoria do gêmeo mau. Nesse sentido, a teoria do *doppelgänger* defende que um duplo etéreo – composto por uma matéria sutil – assumiria uma aparência idêntica ao do ser físico – de carne e osso.



How They Met Themselves, de Dante Gabriel Rossetti / Crédito: Wikimedia Commons

Mas, se tais seres realmente existem, por que Emilie Sagée não pôde enxergar seu próprio *doppelgänger*? Segundo a literatura parapsicológica,

os gêmeos do mau são compostos por uma matéria tão rarefeita que nossos cinco sentidos não podem ser capazes de percebê-la.

Mesmo assim, o duplo etéreo pertence ao plano físico e, de vez em quando, pode ser visto por algumas pessoas. Segundo estudiosos, o *doppelgänger* teria uma união intrínseca com seu gêmeo físico.

Assim, caso o corpo etéreo sofra alguma dor ou ferimento, tal sentimento iria se refletir no corpo físico – se a cópia de Emilie Sagée caísse no chão, a própria professora sentiria a dor da queda. Ao mesmo tempo, todavia, quanto mais o corpo etéreo existir, mais debilitado o corpo físico fica, como em uma transferência de energia.



Representação de um duplo etéreo em uma fotomontagem, 1887 / Crédito: Wikimedia Commons

Ainda mais, a teoria *doppelgänger* está associada ao fenômeno da bilocação – quando alguém está em dois lugares ao mesmo tempo.

De acordo com estudiosos, os duplos etéreos aparecem, em geral, com o intuito de avisar o seus familiares e amigos de tragédias iminentes. Assim, o ser etéreo pode até mesmo plantar ideias maléficas em seus gêmeos físicos. <sup>(13)</sup> (grifo nosso)

As colocações da jornalista Pamela Malva são oportunas e nos conduzem a explicação comum para o fenômeno.

Parece-nos que esse caso foge ao padrão que se vê nos outros, nos quais se confirmou que após o afastamento ou desprendimento da alma *“jamais o corpo goza inteiramente da sua atividade normal; há sempre uma certa absorção, um alheamento mais ou menos completo das coisas terrestres”* <sup>(14)</sup> ou *“Pode acontecer que o corpo não durma, embora isto seja muito raro. Em todo caso, jamais se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um estado mais ou menos extático”* <sup>(15)</sup>. Ademais, não podemos jamais nos esquecer de que *“A alma não se divide, no sentido literal*

da palavra” <sup>(16)</sup>, conforme afirmou Allan Kardec.

Considerando que essas circunstâncias são necessárias, como dito por nós várias vezes, então esse caso de Emilie Sagée deveria ser visto sob outra perspectiva. Allan Kardec, infelizmente, não lhe deu nenhuma explicação especial, e, ao que conseguimos entender, não os sancionou tacitamente.

Vejamos o que é dito em dois segmentos do relato de Alexandre Aksakof:

1º) Entretanto, nem sempre acontecia de a sósia imitar imediatamente os movimento da verdadeira pessoa. Às vezes, quando Emilie Sagée se levantava da cadeira, viam a sua sósia permanecer sentada.

2º) Percebeu-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido e ganhava mais consistência, a própria pessoa se tornava mais rígida e enfraquecida e vice-versa, que à medida que o duplo desaparecia, o ser corpóreo retomava suas forças.

Parece-nos que algo bem estranho acontecia com Emilie Sagée, pois, às vezes, se o seu duplo parecia agir por vontade própria (Sagée II), então como explicar que em certa situação ela, Sagée I, ficava “*rígida e enfraquecida*”? Além disso, qual explicação se poderia dar para que a Sagée I não visse o seu “duplo”, ou seja, a Sagée II?

Na obra ***Footfalls on the boundary of another World*** (Passos na fronteira do outro Mundo) (1860), de autoria de **Robert Dale Owen**, encontra-se a narrativa original do caso de Sagée. Destacamos o seguinte trecho de seus comentários:

Duas peculiaridades notáveis marcam este caso: uma, que **a aparição, visível sem exceção a todos os outros, permaneceu invisível para o sujeito**; a outra, que, **embora a segunda figura fosse às vezes vista imitando, como uma imagem refletida em um espelho, os gestos e ações da primeira, em outras ocasiões parecia agir de forma totalmente independente dela**; parecendo andar para cima e para baixo enquanto a pessoa real estava deitada na cama e estar sentada na casa enquanto sua contraparte se movia no jardim. <sup>(17)</sup> (grifo nosso)

Se o duplo da Sagée às vezes agia por imitação e, em outras, parecia agir por vontade própria, a hipótese de uma ação obsessiva ganha força, sobretudo diante das sucessivas demissões da professora.

De ***Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I*** (1991), no capítulo “VII – Condomínio Espiritual”, no tópico “5. Bilocação *versus* invasão espiritual”, por já o ter citado, vamos transcrever somente a parte que trata desse caso:

[...] Vimos, com a **srta. Sagée** que, ao desdobrar-se, no jardim, seus movimentos continuaram, ou seja, **ela seguiu colhendo flores, embora mais lentamente, enquanto o outro corpo foi sentar-se na poltrona do salão** de trabalhos manuais. Este caso é impecável porque as mesmas pessoas – e muitas pessoas – viam, ao mesmo tempo, a Sagée I e a Sagée II, uma no jardim e outra na poltrona. É possível, portanto, o fenômeno. [...].<sup>(18)</sup> (grifo nosso)

O nosso ilustre pesquisador Hermínio Miranda, aceita o fato do Espírito de pessoa viva se manifestar, porém, no caso de Emilie Sagée, ele não levou em consideração que um Espírito não sendo divisível, não existe a mínima possibilidade dele manifestar o seu pensamento nos dois corpos – o físico e o espiritual – ao mesmo tempo, já que “*quando o pensamento está em alguma parte, a alma também ali está, pois é a alma quem pensa*” <sup>(19)</sup>.

É exatamente essa a conclusão que o Dr. Ary Lex (1916-2001), em ***Do Sistema Nervoso à Mediunidade*** (1993), apresenta, após citar o caso do juiz de Cantão J... e esse de Emilie Sagée, ele tece as seguintes considerações:

Os leigos poderiam objetar: Mas como? Então o Espírito se dividiu em dois? Responderemos: - **O Espírito é indivisível; não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo.** Ocorre o seguinte: na bilocação, o Perispírito se desprende parcialmente, ainda envolvendo o Espírito, formando, assim, o duplo fluídico, à custa de uma condensação do Perispírito, podendo tornar-se visível e até tangível. Dá, assim, a impressão de um ser real, que se movimenta. Mas o desprendimento dele, em relação ao corpo orgânico, nunca é total, senão a pessoa morreria. O Perispírito continua ligado ao corpo, através de um cordão ectoplasmático, como foi explicado antes, quando falamos dos sonhos e das viagens astrais. **A condição necessária, como explica Gabriel Delanne, é ficar o corpo como que adormecido, em transe ou em estado**

**cataléptico. Não pode haver atividade simultânea do corpo e do duplo, ou seja, não pode haver divisão do comando espiritual.** <sup>(20)</sup>  
(grifo nosso)

A posição do renomado estudioso dr. Ary Lex é a que estamos defendendo desde o início dessa pesquisa.

Será oportuno apresentar o pesquisador Zalmino Zimmermann, autor de *Perispírito* (2000), do qual transcrevemos do capítulo “V – Provas da existência do perispírito”, no tópico “Desdobramento”:

No desdobramento inconsciente, embora o sujeito possa dialogar e seu duplo até ser visto por terceiros, ele próprio nenhum registro conserva do ocorrido.

A literatura é pródiga, também, em relatos de fenômenos desse tipo, desde **o desdobramento parcial (semidesdobramento), junto ao próprio corpo, como se fosse ainda sua projeção**, sem que o sujeito sequer se aperceba do que acontece, **até os casos notáveis em que o duplo da pessoa é por todos visto, em ação relativamente independente**, mesmo sem que o sujeito tenha consciência do fato, como foi, por exemplo, **o caso célebre de desdobramento não mediúnico, inconsciente e visível, da professora Emília Sagée**, documentado pelo famoso investigador russo, lente da então Academia de LEIPZIG, Alexander Nicolaievitch AKSAKOF (1832-1903), [...]. <sup>(21)</sup> (itálico do original, negrito nosso)

Na sequência, é transcrito o caso conforme narrado por Alexander Aksakof e, imediatamente após, lemos a seguinte explicação de Zalmino Zimmermann:

Os desdobramentos podem ser *visíveis* aos olhos físicos, ou *não visíveis* (embora, além de serem percebidos pelos videntes, compareçam passíveis de registro por meio da fotografia transcendente).

Evidentemente, a visibilidade diz com os recursos ectoplásmicos disponíveis e com as próprias condições perispíricas do sujeito.

**O caso de Emília Sagée, como visto, retratando um fenômeno de desdobramento inconsciente**, mostra, também, como pode parecer bem *visível*. <sup>(22)</sup> (itálico do original, negrito nosso)

Ao tratar o caso como desdobramento inconsciente Zalmino

Zimmermann, a nosso ver, parece incorrer na mesma dificuldade que encontramos na interpretação de Hermínio Miranda, portanto, servem os mesmos argumentos que apresentamos quando foi citado por nós.

É importante registrar que alguns estudiosos optaram por entendê-lo como tenha ocorrido a emancipação da alma, mas com atividade em ambos os corpos. É certo que não estamos à altura de nenhum deles, mas não podemos concordar com a ideia de uma consciência plenamente ativa em ambos os corpos – físico e espiritual –, pois isso implicaria admitir a divisão do Espírito, uma vez que já nos foi informado que “*o Espírito é indivisível*” <sup>(23)</sup>.

Em ***O Espiritismo Perante a Ciência*** (1885), o autor Gabriel Delanne nos oferece uma explicação, que nos parece a mais razoável para o caso de Emilie Sagée. Vejamos o que ele coloca, após mencioná-lo <sup>(24)</sup>:

Evidencia-se um fato desta narrativa, a relação íntima que existe entre o estado do corpo e o duplo. Quando o perispírito se torna menos vaporoso, mais sólido, o corpo enfraquece, quando se torna fluídico, o organismo material retoma forças. Isto indica que existe um laço entre o corpo e o duplo. Dassié denomina-o tecido vascular invisível. Kardec ensina há muito tempo que, durante o sono, a alma se desprende do corpo, mas que lhe fica sempre ligada por um cordão fluídico e que, se ele se rompesse, a morte do paciente seria instantânea.

**Emilie Sagée**, de constituição muito nervosa, era sujeita ao desprendimento da alma, mas o fato é notável porque **o desdobramento se dava, mesmo durante a vigília, enquanto que, de ordinário, ele só se opera quando o corpo está mergulhado no sono.**

Se nos reportarmos aos casos de sonambulismo lúcido, narrados por Charpignon, compreenderemos a série ascendente que se manifesta nesses diferentes fenômenos. No sonambulismo, natural ou provocado, **a alma se desprende do corpo, porque este, mergulhado no sono, tem uma vida menos ativa**, o que permite ao Espírito escapar-se, por momentos, do seu invólucro e ver o que se passa a distância.

**No caso de desdobramento, a alma separa-se, no sono, da mesma maneira**, mas, ora se materializa de forma imperfeita, como vimos com a alsaciana, ora toma um aspecto inteiramente material, pode escrever e falar. **Se o fenômeno é ainda mais acentuado, a bicorporeidade se manifesta sem que o paciente esteja adormecido, como o prova a história precedente**, mas, então, **quanto mais o duplo adquire tangibilidade, mais a inspetora se toma fraca e enlanguescida.**

Estas observações confirmam plenamente o ensino de Allan Kardec. Encontramos, com efeito, em *O Livro dos Espíritos*, a explicação racional

de todos esses casos singulares. **A alma é retida ao corpo por seu perispírito, que tem por condutor o sistema nervoso;** segue-se que todas as modificações trazidas a esse sistema, que tenham por fim paralisar sua ação, favorecerão o desprendimento da alma. <sup>(25)</sup>

Um pouco mais à frente lemos:

Em suma, diremos com Allan Kardec, que o indivíduo que se mostra, simultaneamente, em dois lugares diferentes, tem dois corpos; mas, desses dois corpos, um só é permanente, o outro é apenas temporário; pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e o segundo a da alma. Ao despertar, os dois corpos se reúnem e a vida da alma reaparece no corpo material.

**Não pareceria possível que pudessem dois corpos, em estado de separação, gozar simultaneamente, e no mesmo grau, a vida ativa e inteligente.** Entretanto, dir-se-ia contradizerem esta lei os exemplos de Antônio de Pádua e de Xavier.

**Deve-se, talvez, atribuir essa divergência aos cronistas, que, impressionados por fatos tão estranhos, quiseram torná-los ainda mais misteriosos, atribuindo-lhes uma simultaneidade absoluta.** <sup>(26)</sup> (grifo nosso)

É comum, entre muitos de nós, referir-se a algo sem ter pleno conhecimento dos fatos. Esse foi o caso de Gabriel Delanne ao citar Antônio de Pádua, que, na verdade – conforme vimos – não estava em estado de vigília, mas adormecido, segundo informação de Léon Denis <sup>(27)</sup>. Portanto, os seus dois corpos – o físico e o espiritual –, realmente *“não gozavam simultaneamente, e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente”*.

Observamos que, na sua exposição, Gabriel Delanne tem conhecimento de que:

a) *“o desdobramento se dava, mesmo durante a vigília, enquanto que, de ordinário, ele só se opera quando o corpo está mergulhado no sono.”;*

b) *“a alma se desprende do corpo, porque **este, mergulhado no sono, tem uma vida menos ativa**”;*

c) *“**Não pareceria possível que pudessem dois corpos, em estado de separação, gozar simultaneamente, e no mesmo grau, a vida ativa e inteligente.**”*

Eis as razões pelas quais, julgamos, se deve buscar outras explicações. Tendo em vista que esse caso não tem paralelo, é mesmo de se supor outra explicação plausível para ele, especialmente pelo que Gabriel Delanne menciona ao final, que nos pareceu condizente com os fatos.

Entendemos que, se for verdadeiro, o caso de Emilie Sagée estaria mais para uma destas duas possibilidades:

1ª) **a jovem estaria envolvida em um processo obsessivo**: algum Espírito vingativo, por meio da obsessão, aparecia sempre para ser visto por várias pessoas, com o propósito de provocar a dispensa de Emilie Sagée do emprego. Como isso já teria acontecido por dezenove vezes, esse Espírito tomaria a aparência dela <sup>(28)</sup> e a imitaria em seus movimentos e ações.

Em ***Dos Raps à Comunicação Instrumental*** (1993), o pesquisador Carlos Bernardo Loureiro (1942-2006) relata o seguinte:

O caso Emilie Sagée inscreveu-se como um dos mais extraordinários fenômenos de desdobramento, **embora haja quem imagine que o duplo visto individual e coletivamente fosse de um Espírito que assumia o aspecto da professora** com o intuito de se divertir... <sup>(29)</sup>  
(grifo nosso)

Considerando que Emilie Sagée teria sido despedida de empregos por dezenove vezes, parece-nos mais plausível a hipótese de uma obsessão do que a de um simples divertimento. De qualquer forma, Loureiro dá notícia de que houve pessoas que não interpretaram o fenômeno como manifestação de seu duplo.

2ª) **o fato foi mesmo real**, e, na verdade, tudo aponta para essa possibilidade. Entretanto, pelas suas particularidades, fica evidente que o Espírito da jovem Emilie Sagée surgia como se fosse uma aparição materializada, que **nada dizia, falava nem escrevia**; portanto, numa condição de total apatia, quase como se fosse um holograma dela. Que o leitor entenda que estamos fazendo apenas uma comparação com algo que, atualmente, é do conhecimento de todos.

No site ***Tecnoblog***, (2021), no artigo “O que é holograma e como é

usado”, encontramos a seguinte definição:

#### Holograma

Os hologramas são imagens tridimensionais virtuais criadas pela interferência de feixes de luz que “refletem” objetos físicos, preservando a profundidade, paralaxe e outras propriedades do item original podendo ser vistos a olho nu. <sup>(30)</sup> <sup>(31)</sup>



É importante destacar o seguinte trecho da transcrição, para se observar com mais atenção, em que condições, segundo a narrativa de Alexandre Aksakof, em **Animismo e Espiritismo - Vol. 2** (1890), ocorria a manifestação do duplo da jovem Emilie Sagée:

[...] Essas manifestações se davam principalmente em ocasiões em que ela estava muito preocupada ou muito aplicada aos seus serviços. **Notou-se que à medida que o duplo se tornava mais nítido e adquiria maior consistência, a própria pessoa ficava mais rígida e enfraquecida, e reciprocamente, que, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças. Ela própria era inconsciente do que se passava e só ficava sabendo do ocorrido quando lho diziam;** ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; **nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo e, do mesmo modo, parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.** [...]. <sup>(32)</sup> (grifo nosso)

Fica claro, portanto, que havia algo que não permitia, ou seja, que impedia a manifestação plena da parte corporal e da duplicata da jovem, em razão disso não vemos nenhum sentido generalizar e dizer que o duplo de qualquer pessoa possa se manifestar com independência, ainda que relativa, do corpo físico em estado de plena vigília.

Percebe-se, do final da fala de Alexandre Aksakof, um certo estado alterado de consciência de Emilie Sagée, que assim se referiu a ela: “*nunca teve ocasião de ver a aparição de seu duplo*”, ao que ele arrematou dizendo “*parecia não aperceber-se da rigidez e inércia que se apoderavam dela, quando seu duplo era visto por outras pessoas.*”

Encontramos mais uma fonte citando este caso da Emilie Sagée; trata-

se da obra ***Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*** (1984), autoria de Hernani Guimarães Andrade (1913-2003), destacado pesquisador de fenômenos paranormais, conhecido internacionalmente, que, no capítulo “Experiência Fora-do-corpo ou projeção da consciência”, item “Estágios da Projeção Astral”, o menciona:

*Duplo vital liberado em um só estágio*

Pode ocorrer, também que o corpo vital seja liberado em um único estágio. Nestes casos a pessoa normalmente não percebe a saída do duplo. **O duplo vital, de um modo geral, é inconsciente, denso e quase sempre visível a uma ou mais pessoas**, devido à grande porção de ectoplasma por ele portada. **Alguns casos de bilocação, em que o duplo manifesta inconsciência e automatismo, são devidos à projeção do corpo vital.** Um exemplo clássico é o da jovem Emilie Sagée, relatado por Alexandre Aksakof em sua obra *Animismo e Espiritismo*. (Rio - Paris; Garnier, 1903). <sup>(33)</sup> (itálico do original, negrito nosso)

Observamos que, nesse caso da manifestação do duplo vital, não o acompanhava uma mínima expressão do pensamento, porquanto “o duplo manifesta inconsciência e automatismo.”

Na sequência, Hernani Andrade descreve o ocorrido com Emilie Sagée, porém, não é caso de se repetir a narrativa, por isso vamos às suas considerações finais:

Esses fenômenos duraram cerca de dezoito meses, entre 1845 a 1846. Houve alguns intervalos de calma. Algumas observações interessantes foram feitas. Vamos alinhá-las:

1. As manifestações ocorriam principalmente quando Sagée estava muito ocupada ou aplicada à sua incumbência.
2. À medida que o duplo se mostrava mais nítido e consistente, a pessoa tornava-se mais lenta e fraca; reciprocamente, à medida que o duplo se desfazia, o ser corpóreo readquiria suas forças.
3. Sagée era inconsciente do que passava; só ficava sabendo quando lh’o diziam; ordinariamente os olhares das pessoas presentes avisavam-na; nunca teve ocasião de avistar seu duplo; ela parecia não aperceber-se da lentidão e inércia que dela se apoderavam na ocasião.
4. Durante os dezoito meses em que ocorreram os fenômenos no colégio, nunca se apresentou a aparição do duplo a grande distância do corpo de Sagée.

5. O duplo era visível a qualquer pessoa, independente da idade e sexo. (Opus cit. pp. 543-552)

**Como se vê, o caso de Emilie Sagée tem características bem típicas de uma projeção em um só estágio do duplo vital.** Crookall classificá-lo-ia no que ele chama de Grupo IB. “Semi-Physical” (vehicle of vitality) “Doubles”. <sup>(34)</sup> (grifo nosso)

Portanto, julgamos que esse caso da Emilie Sagée, não deveria ser tomado à conta de uma real manifestação do Espírito em estado de vigília, ou seja, que o seu duplo vital estava consciente e agia concomitantemente com o corpo físico.

Ainda que possa ser considerado uma manifestação em vigília, o seu duplo, mesmo nas ocasiões em que parecia agir independentemente, não apresentou qualquer manifestação inteligente; nada mais fez que imitar os gestos da profª Emilie Sagée; Na prática, ele “entrou mudo e saiu calado”.

Para bem nos situar diante do caso, vamos relembrar algo que consta em ***O Livro dos Médiuns***, item 121:

[...] **Não parece possível** – pelo menos não temos exemplo algum do fato e a razão o demonstra – que, **quando separados, os dois corpos [o físico e o espiritual] possam gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente.** [...]. <sup>(35)</sup> (grifo nosso)

Entendemos que há dois sérios problemas relacionados ao caso de Emilie Sagée.

1º) Em nova edição, cinco anos após o lançamento, o autor Robert D. Owen não menciona mais o caso.

Na edição de 1865 da obra ***Footfalls on the Boundary of Another World***, em nota, temos explicação do motivo desse caso ter sido retirado:

Nas primeiras edições desta obra, outra narrativa, relacionada à aparência habitual de uma pessoa viva, foi apresentada aqui. Ela foi agora substituída pela das “Duas Irmãs”, pelos seguintes motivos. Um amigo de uma das partes envolvidas, tendo feito perguntas sobre a história, gentilmente me forneceu o resultado; e as evidências assim apresentadas tenderam a invalidar partes essenciais dela. Uma visita recente à Europa me permitiu fazer mais investigações sobre o assunto; e embora, em

alguns aspectos, estas fossem confirmatórias, descobri que uma parte considerável da narrativa em questão, que me fora apresentada como diretamente atestada, era, na realidade, sustentada apenas por evidências de segunda ordem. Essa circunstância, considerada em conexão com as declarações conflitantes acima mencionadas, coloca a história fora da regra de autenticação à qual, nestas páginas, me esforcei escrupulosamente para me conformar; e, portanto, a omito completamente.

É muito gratificante descobrir que, após o teste de seis meses de publicidade, a autenticidade de apenas uma única narrativa, das setenta ou oitenta que estão contidas neste volume, foi questionada. – *Nota para o décimo ano, setembro, 1860.* <sup>(36)</sup> (itálico do original, negrito nosso)

Robert D. Owen, ao prosseguir na investigação do caso de Emilie Sagée, concluiu que as informações disponíveis não atendiam aos critérios de autenticação que adotava, devido a inconsistências e ao fato de parte considerável da narrativa estar apoiada em evidências de fonte secundária.

Como vimos, Alexandre Aksakof relatou que “*mais tarde, informações mais circunstanciadas, fornecidas pela própria Baronesa Güldenstubbé foram publicadas em Light de 1883*”, ou seja, 23 anos após essa nota, supostamente novos detalhes vieram à tona. Entretanto, “*na verdade, é exatamente o mesmo texto, palavra por palavra*” <sup>(37)</sup>, portanto ao artigo da revista publicação no Light não apresentou novidade alguma.

2º) Em Dijon, não foi encontrado nenhum registro da família Sagée.

Para registro, informamos que Camille Flammarion, em **A Morte e o Seu Mistério - Vol. II** (1917), menciona esse caso. Após citá-lo, o destacado astrônomo faz o seguinte comentário:

[...] Conheci outrora (em 1862) o Barão de Güldenstubbé e sua irmã. Eram extremamente sinceros, talvez um pouco místicos, mas de uma lealdade inatacável. <sup>(38)</sup>

Viu-se mais acima que a Srta. Sagée era de Dijon. Encontrando-me próximo dessa cidade (no solar de Quincey) em agosto de 1895, **procedi a investigações para saber se uma família Sagée ali existira ou existia ainda**; o resultado das buscas por mim realizadas acerca dos registros do estado civil de Dijon não é despedido de curiosidade:

Esta professora tinha 32 anos em 1845. Havia nascido, portanto, em 1813. **Nos registros civis de Dijon não se encontra nenhuma família Sagée**; mas **consignavam o nascimento, em 3 de janeiro de 1813,**

**de uma criança de nome Octavie Saget** <sup>(39)</sup>, “filha natural”. **Este nome parece-se de tal modo com o da professora que se torna difícil duvidar da identidade.** A sua vida nômade na Alemanha e na Rússia não se explicará pelo seu irregular nascimento? A memória da Srta. Gùldenstubbé teria determinado ligeira confusão tanto no prenome como na ortografia do nome? É possível, dado o fato de que todas essas narrativas foram relatadas em línguas estrangeiras. A professora, alarmada com as suas 18 mudanças de situação, não teria, de resto, alterado um pouco o seu apelido?

**Carl du Prel** falou dessa história de desdobramento na sua obra “A Morte e o Além” (1905) <sup>(40)</sup> e **ortografou o nome Emilie Saget**. “Seu corpo astral – escreve ele – foi visto por todo um pensionato de moças durante o tempo em que ela permaneceu no Colégio.”

**Ouvi várias pessoas**, convencidas do seu saber, pensarem que resolviam o problema por estas duas palavras: **“alucinação coletiva”**. É contentarem-se com pouco. Podemos repetir, com o professor Morsélli, diretor da clínica de doenças mentais na Universidade de Gênova, o que ele dizia a propósito das sessões de Eusápia:

“Esta explicação não é una, atendendo a que as visões obedecem às leis normais da óptica (perspectiva, perfis de face, oblíquos, etc.) e além disso são discutidas por todos os percipientes. Seria belo caso para um alienista habituado há muitos anos, como eu, a discernir, a diagnosticar os estados ilusórios e alucinatórios, que grupos de seis, de oito, de doze pessoas, de inteligência sã e na posse dos seus sentidos regulares, permaneçam todas e a um tempo, sem nenhum *processus* patológico ou por um *processus* mórbido incompreensível que não duraria senão alguns momentos, sob a forte impressão de uma alucinação sem causa, regressando imediatamente, como se nada houvesse acontecido, à sua plena saúde funcional de nervos e de cérebro. Era inadmissível!”

E depois, temos diante dos olhos muitos fatos concordantes análogos.

**Não! Não houve alucinação coletiva.** A professora perdeu o seu cargo 19 vezes, por causa do seu desdobramento. **Esse duplo era real, objetivo.** É provável que se tivesse podido fotografar (fotografei, de trinta anos a esta parte, no meu Observatório de Juvisy, o arco-íris, que não existe, que não é real, sob o qual ninguém poderá passar, que não existe mesmo para dois observadores próximos um do outro e que nada mais representa do que aparência óptica). <sup>(41)</sup> (grifo nosso)

É curiosa a afirmativa de Camille Flammarion de que os nomes se parecem, sendo que o do registro civil aponta **Octavie Saget** e o outro é **Emilie Saget**, conforme a ortografia usada por Carl Du Prel em sua versão francesa. Ainda assim, o nosso astrônomo considera autêntico o fenômeno ocorrido com Emilie Sagée.

Diante desses elementos, não nos parece possível afirmar com segurança qual foi a natureza do fenômeno. Se o relato corresponde aos acontecimentos, há, contudo, elementos que permitem considerá-lo sob perspectivas diferentes, entre elas a de uma ação obsessiva ou a de um duplo sem atividade inteligente própria. As questões documentais, por sua vez, recomendam cautela quanto à sua utilização como prova.

Para demonstrar como um pequeno pormenor ou mesmo a supressão de uma informação pode levar a uma interpretação que não corresponda à realidade, vejamos uma breve comparação.

Trazemos o caso da Sra. Natalie Annenkof (? - ?), mencionado por Ernesto Bozzano, na obra *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)* (1934):

Na primavera de 1926, durante um dia belo e quente, estava eu no cemitério, **sentada à beira da sepultura de minha filhinha**, que eu perdera recentemente. Achava-me deprimida e triste, mas gozava de boa saúde. Recordo-me bem de que, enquanto **observava as abelhas** que faziam a sua provisão de mel nas flores que eu havia plantado, **senti que me tornava leve; cada vez mais leve física e moralmente**. Minha primeira impressão foi a de que as minhas pernas e os braços já não pesavam, depois o ventre e em seguida o peito. **E de repente achei-me acima e ao lado de meu corpo, que eu via sentado na borda do túmulo**. Contemplei o meu rosto fatigado e notei mesmo que o meu mantô estava manchado de terra. Tinha a sensação de pairar sobre o meu corpo, em completa beatitude, e experimentava a sensação de um grande e luminoso prazer de viver, como se eu vivesse mil vidas ao mesmo tempo, e de completa quietude. <sup>(42)</sup> (grifo nosso)

Esse relato nos leva à conclusão de que Natalie Annenkof se desdobrou, permanecendo plenamente consciente – sem ter dormido ou entrado em qualquer estado alterado de consciência. Diante disso, podemos defender a hipótese de desdobramento em plena vigília. Vejamos agora a sequência da narrativa desse caso para compreendemos o que de fato aconteceu:

**Não podia mover-me** e disso não sentia necessidade, mas podia ver, compreender e ter o sentimento de uma vida interior e ditosa. **Meu corpo parecia um farrapo, alguma coisa abandonada**, e eu pensava: **“Isto é a morte!”** e, contudo, sentia o prazer de viver.

**Vi o guarda do cemitério aproximar-se de meu corpo, tocá-lo, apalpá-lo, chamar-me e partir correndo.** Mais tarde me disse que fora chamar a ambulância, pois as minhas mãos e os pés começavam a esfriar.

Quando o via a correr, **compreendi que ele me julgava morta** e repentinamente fiquei aterrorizada. “Isto é a morte! – pensei eu. – Como irá meu marido viver sem mim?”, mas eu me sentia tão cheia de vida que me disse a mim mesma: “É preciso que eu volte a entrar no meu corpo”. Tentei reentrar nele, temia não poder consegui-lo.

Comecei por sentir o peso, em seguida as dores, as pequenas indisposições às quais estamos de tal modo habituados que quase nos passam despercebidas. Logo depois veio a tristeza e uma vontade de chorar. Pouco a pouco fui recuperando meu corpo. <sup>(43)</sup> (grifo nosso)

Comprova-se, portanto, que o corpo de Natalie Annenkof permaneceu em estado alterado de consciência – o que modifica profundamente o entendimento da experiência pela qual ela passou.

Por outro lado, é preciso cautela ao afirmar que o agente estava consciente, pois isso se refere ao fato de ele ter vivenciado um desdobramento consciente – ou seja, sua alma emancipada do corpo consegue perceber o que acontece ao redor. Isso nada tem a ver com o corpo está consciente, se assim podemos nos exprimir.

E, como já foi dito, onde estiver a consciência (a mente), estará também o Espírito, pois são inseparáveis.

Paulo da Silva Neto Sobrinho  
set/2026

#### Referências bibliográficas:

AKSAKOF, A. **Animismo e Espiritismo - Vol. 2**. Rio de Janeiro: FEB, 2002.

ANDRADE, H. G. **Espírito, Perispírito e Alma: Ensaio Sobre o Modelo Organizador Biológico**. São Paulo: Pensamento, 1984.

BOZZANO, E. **Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)**. São Bernardo do Campo (SP): Correio Fraterno, 1983.

- DENIS, L. **No Invisível**. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- FLAMMARION, C. **A Morte e o Seu Mistério - Vol. II**. Rio de Janeiro: FEB, 1990.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- LEX, A. **Do Sistema Nervoso à Mediunidade**. São Paulo: FEESP, 2009.
- LOUREIRO, C. B. **Dos Raps à Comunicação Instrumental**. Rio de Janeiro: Soc. Editora Espírita F. V. Lorenz, 1993.
- MIRANDA, H. C. **Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I**. Niterói (RJ): Arte e Cultura, 1991.
- OWEN, R. D. **Footfalls on the boundary of another World**. PHILADELPHIA: J. B. Lippincott & Co, 1860.
- ZIMMERMANN, Z. **Perispírito**. Campinas (SP): CEAK, 2011.

## Internet

- Anomalies (site): *Emélie Sagée's Companion*, disponível em: <http://anomalyinfo.com/sites/default/files/images/1845-sagee-ANOM.jpg> Acesso em: 05 mai. 2023.
- MALVA, P. *O Mito de Emilie Sagée, a professora que esteve em dois lugares ao mesmo tempo*, in: *Aventuras na História*, disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/o-bizarro-caso-de-emilie-sagee-professora-que-esteve-em-dois-lugares-ao-mesmo-tempo.phtml> Acesso em: 05 mai. 2023.
- RANKER, *Emilie Sagee's doppelgänger was said to imitate and mock her in front of her students (imagem ilustrativa de Emilie Sagée)*, disponível em: [https://imgix.ranker.com/user\\_node\\_img/50144/1002862215/original/1002862215-photo-u1128289069?auto=format&q=60&fit=crop&fm=pjpg&dpr=2&w=400](https://imgix.ranker.com/user_node_img/50144/1002862215/original/1002862215-photo-u1128289069?auto=format&q=60&fit=crop&fm=pjpg&dpr=2&w=400) Acesso em: 23 set. 2026.
- SILVA NETO SOBRINHO P. *Manifestação de Espírito de Pessoa Viva (Em que condições elas ocorrem)*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/manifestacoes-de-espirito-de-pessoa-viva-em-que-condicoes-elas-ocorrem-ebook> Acesso em: 23 set. 2026.
- TECNOBLOG, *Holograma*, disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-holograma-e-como-e-usado/> Acesso em: 19 out. 2023.
- FREEP!K, *Holograma (imagem)*, disponível em: [https://img.freepik.com/fotos-premium/holograma-3d-de-um-homem-em-fundo-de-tecnologia\\_629685-4083.jpg](https://img.freepik.com/fotos-premium/holograma-3d-de-um-homem-em-fundo-de-tecnologia_629685-4083.jpg) Acesso em: 19 out. 2023.
- WIKIPEDIA, *Émilie Sagée*, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Émilie\\_Sagée](https://pt.wikipedia.org/wiki/Émilie_Sagée) Acesso em: 25 set. 2025.

- 1 Observamos a grafia do nome de variadas formas, adotaremos a utilizada em “Des hommes doubles et des apparitions de personnes vivantes”, em *Ouvres Posthumes*.
- 2 RANKER, *Emilie Sagee's doppelgänger was said to imitate and mock her in front of her students (imagem ilustrativa de Emilie Sagée)*, disponível em: [https://imgix.ranker.com/user\\_node\\_img/50144/1002862215/original/1002862215-photo-u1128289069?auto=format&q=60&fit=crop&fm=pjpg&dpr=2&w=400](https://imgix.ranker.com/user_node_img/50144/1002862215/original/1002862215-photo-u1128289069?auto=format&q=60&fit=crop&fm=pjpg&dpr=2&w=400)
- 3 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 83.
- 4 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 87.
- 5 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 85.
- 6 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questões 137 e 140, p. 105-106 e questão 203, p. 132.
- 7 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 84.
- 8 OWEN, *Footfalls on the boundary of another World*, p. 356.
- 9 No original em francês consta Emilie Sagée, forma que usaremos na transcrição, por não concordar com a tradução de nome próprio para o português, como feito pelo Dr. C. S, tradutor dessa obra.
- 10 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo - Vol. 2*, p. 255-262.
- 11 Anomalies (site): *Emélie Sagée's Companion*, link: <http://anomalyinfo.com/sites/default/files/images/1845-sagee-ANOM.jpg>
- 12 Julgamos que seria melhor corrigir a palavra alemã doppelgängers, colocando em itálico e inserido o trema em todas elas.
- 13 MALVA, *O Mito de Emilie Sagée, a professora que esteve em dois lugares ao mesmo tempo*, in. *AH Aventuras na História*, link: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/o-bizarro-caso-de-emilie-sagee-professora-que-esteve-em-dois-lugares-ao-mesmo-tempo.phtml>
- 14 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 59.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 130.
- 16 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 130.
- 17 OWEN, *Footfalls on the boundary of another World*, p. 356.
- 18 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I*, p. 234.
- 19 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, questão 89-a, p. 86.
- 20 LEX, *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*, p. 67-68.
- 21 ZIMMERMANN, *Perispírito*, p. 148-149.
- 22 ZIMMERMANN, *Perispírito*, p. 156-158.
- 23 Conforme resposta dos Espíritos à q. 137, que, mais à frente, transcreveremos.
- 24 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 232-234.
- 25 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 234-235.
- 26 DELANNE, *O Espiritismo Perante a Ciência*, p. 250-251.
- 27 DENIS, *No Invisível*, p. 147.
- 28 A questão da mudança de aparência será tratada mais à frente em tópico específico.
- 29 LOUREIRO, *Dos Raps à Comunicação Instrumental*, p. 107.

- 30 TECNOBLOG, *Holograma* (definição), link: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-holograma-e-como-e-usado/>
- 31 FREEPIK, *Holograma* (imagem), link: [https://img.freepik.com/fotos-premium/holograma-3d-de-um-homem-em-fundo-de-tecnologia\\_629685-4083.jpg](https://img.freepik.com/fotos-premium/holograma-3d-de-um-homem-em-fundo-de-tecnologia_629685-4083.jpg)
- 32 AKSAKOF, *Animismo e Espiritismo* – Vol. 2, p. 260.
- 33 ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 149-150.
- 34 ANDRADE, *Espírito, Perispírito e Alma*, p. 152-153.
- 35 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 131.
- 36 OWEN, *Footfalls on the boundary of another World*, p. 345.
- 37 WIKIPEDIA, *Émilie Sagée*, link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Émilie\\_Sagée](https://pt.wikipedia.org/wiki/Émilie_Sagée)
- 38 N.T.: O Barão de Güldenstubbé é o autor do curioso livro *A realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso da sua escrita*, com fac-similes. Paris, 1857.
- 39 Na tradução consta Otávia Sagée, no original, em francês, lê-se: Octavie Sagée.
- 40 Publicado pela LAKE, São Paulo, em março/2012, com o título *O Outro Lado da Vida*.
- 41 FLAMMARION, *A Morte e o Seu Mistério* – Vol. II, p. 47-48.
- 42 BOZANNO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 53-54.
- 43 BOZANNO, *Fenômenos de Bilocação (Desdobramento)*, p. 54.